



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HELOÍSA RAQUEL INACIO COSTA

**“BASTAM SEIS DIAS”: A DOMESTICAÇÃO DA ÁGUA  
E A PLATAFORMA REPUBLICANA  
NA REVISTA ILLUSTRADA**

BRASÍLIA 2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HELOÍSA RAQUEL INACIO COSTA

**“BASTAM SEIS DIAS”:** A DOMESTICAÇÃO DA ÁGUA  
**E A PLATAFORMA REPUBLICANA**  
**NA REVISTA ILLUSTRADA**

Artigo científico apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciada e bacharela em História, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Balaban.

BRASÍLIA 2017

# Bastam seis dias: A domesticação da água e a plataforma republicana na *Revista Illustrada*

Heloísa Raquel Inacio Costa

## **RESUMO:**

Este artigo analisa a cobertura do episódio “Água em seis dias” na *Revista Illustrada*. Esse episódio remete a promessa do engenheiro Paulo de Frontin em levar águas à capital do império quando as reservas se mostravam insuficientes para amparar a população da cidade. Ainda que antigos e constantes, os problemas de escassez e de abastecimento saltaram aos olhos da imprensa da corte nos anos finais do século XIX, ao ganhar bastante destaque dado o crônico problema do abastecimento de água satisfeito na ocasião das obras de Frontin, durante o mês de março de 1889. Enfim, a proposta do trabalho é compreender a relação entre o evento das obras, a agenda política do jornal, e a perspectiva republicana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Império - Abastecimento – Água – Revista Illustrada – Paulo de Frontin

## **Les Gorges sèches**

Cet article examine la couverture de la presse au épisode connu par «Água em seis dias(L'eau en six jours)» chez la *Revista Illustrada (Revue Illustrée)*. Cet épisode révient à la promesse de l'ingénieur Paulo de Frontin, pour amener de l'eau à Rio de Janeiro, la capitale de l'Empire du Brésil, lorsque les réserves d'eau se sont montré insuffisantes pour soutenir la population de la ville. Memê s'il était anciens et fréquents, les pénuries et les insuffisances du système d'approvisionnement d'eau de la Cour Impériale ont jailli à la presse dans les dernières années du XIXe siècle, pour ganger beaucoup d'attention étant donné le problème chronique d'approvisionnement en eau qui il était satisfait avec les travaux de Frontin au cours du mois de mars 1889. Enfin, le but de cette étude est de comprendre la relation entre l'événement des travaux de Frontin, l'agenda politique du journal, et la perspective républicaine.

**Mots-Clés:** L'Empire Brésilien – Approvisionnement d'eau – Revista Illustrada – Paulo de Frontin

## Introdução

No pé que as coisas vão, Jão  
Doidera, daqui a pouco, resta madeira nem pros caixão  
Era neblina, hoje é poluição  
Asfalto quente, queima os pés no chão  
Carros em profusão, confusão  
Água em escassez, bem na nossa vez  
Assim não resta nem as barata  
Injustos fazem leis e o que resta pro céu?  
Escolher qual veneno te mata...

(EMICIDA, *Passarinhos*.2015)

Como evidencia o trecho da música “*Passarinhos*” do álbum de 2015 do rapper paulistano Emicida, atualmente, experimentamos no Brasil, do sertão às grandes capitais, como São Paulo e Brasília, inúmeros problemas relacionados ao déficit de abastecimento de água. Esse cenário possivelmente inimaginável para quem aprende desde a mais tenra idade sobre a abundância quase ilimitada de recursos hídricos do Brasil se tornou realidade. O problema, contudo, não é novo. A população carioca do século XIX convivia cotidianamente com a falta de água, algo que pudemos constatar ao varrer alguns dos principais periódicos da segunda metade do século<sup>1</sup>, tais como a *Gazeta de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Commercio*, *Revista Illustrada*, e *Cidade do Rio*<sup>2</sup>. Constatei, buscando nesses periódicos textos sobre o abastecimento de água, a recorrência de reclamações acerca do problema. Podemos observar essas críticas nas crônicas e editoriais de jornalistas, em reclamações de leitores no espaço das publicações *a pedidos*; o tema também aparece com destaque em desenhos de publicações ilustradas.

Em março de 1889, as preocupações com a crise hídrica tomam proporções políticas contundentes. A efervescência do debate público no espaço dos jornais da corte e a crescente inquietação popular sedenta por águas fez do Rio de Janeiro o palco de manifestações que reivindicaram “água, higiene e limpeza”<sup>3</sup>. Segundo noticiou a imprensa, em março de 1889 a população ocupou do Largo da Lapa até a rua do Ouvidor.

Reflexões, planos e soluções para remediar o problema e socorrer a população sedenta em águas eclodiam de todo lugar. Nos diferentes espaços dos jornais, pulavam comentários diversos, num diálogo marcado por diferenças e pontos em comum. No Clube de Engenharia, os doutos lentes da Escola Politécnica do Rio de Janeiro também pensaram suas soluções técnicas, mas nem

<sup>1</sup> SODRÉ, N. W. (1966/1999). História da imprensa no Brasil. 4a edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad [edição original de 1966]

<sup>2</sup> O acesso a todos esses periódicos foi possível graças ao acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

<sup>3</sup> *Cidade do Rio* 13/03/1889 ed.58 “passeata fúnebre”

por isso menos conflituosas. Enquanto a proposta da firma dos engenheiros Buarque&Maia previa o dispêndio de um mínimo de 40 dias<sup>4</sup> para a resolução dos transtornos, Paulo de Frontin apresentou um plano-tampão, serviço para cerca de uma semana.

Para alguns desses contemporâneos, as bicas secas evidenciavam as estruturas falidas do governo imperial. Por fim, no dia 16/03/1889, o ministério da Agricultura acolhe a proposta do professor da Escola Politécnica Nacional, o engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin, para dar cabo a transposição das águas das cachoeiras do Tinguá a fim de abastecer emergencialmente a cidade. Pelo seu rápido desenvolvimento e execução, os trabalhos ficaram conhecidos pela expressão "água em seis dias" ou "milagre da água seis dias"<sup>5</sup>.

Neste artigo, analiso os números 539-542 da *Revista Illustrada*, onde está a cobertura do semanário ao episódio. Minha intenção é compreender a agenda política do conteúdo desse semanário. Seria o barulho em torno de mais uma crise hídrica uma oportunidade, uma plataforma política para empurrar a monarquia para um fim breve? Ou era a questão hídrica que movia a cobertura do hebdomadário humorístico? Eis as questões tratadas neste artigo.

A escolha de acompanhar um número da *Revista Illustrada* para estudar o episódio "água de seis dias" resulta das características singulares desse jornal (engajamento político, ilustrações, humor satírico) que proporcionam uma leitura repleta de reflexões sobre questões sociais e políticas do período. Por meio da análise detida a dois números desse divertido jornal ilustrado emergem diversos aspectos, sentidos e algumas das consequências dos trabalhos de reforma efetuados por Frontin. Contudo, o aspecto humorístico do jornal estabelece ambiguidades e dificuldades para a interpretação de seu conteúdo que, no mais das vezes, se apresenta de forma escorregadia ao leitor contemporâneo.

Dessa forma, observamos a maneira, ora sutilmente sugerida ora ironicamente implícita, como a *Revista* produz argumentos em favor da República. Isto é, os argumentos podem aparecer em meio ao humor que é característico das publicações ilustradas, implicitamente, e também, ao meu ver, recheiam certos comentários das crônicas textuais, já numa forma mais "silenciosa", pelos momentos rompantes e precisos onde esses argumentos se instalam no interior de cada publicação. Notamos então que a narrativa do "episódio da água em seis dias" é marcada pela acusação severamente crítica de ineficiência do regime monarquista e pelo antagonismo entre a inércia governamental e o desafio modernizante empreendido por Paulo de Frontin.

---

<sup>4</sup> Essa proposta é conhecida pela imprensa, aparece em publicações do *Diário de Notícias*(16/03/1889) e da *Revista Illustrada*(23/03/1889). Essa informação se confirma nas páginas do relatório do Ministério da Agricultura de 1889

<sup>5</sup> Essas expressões apelido foram consagradas pelas comemorações da imprensa, notadamente nas publicações do *Diário de Notícias*, após o êxito da empreitada.

## *A Revista Ilustrada*

O exame das publicações da imprensa brasileira do século XIX oferece uma instigante experiência de pesquisa pelo imediato contato com inúmeras possibilidades de temas. Podemos encontrar nos periódicos oitocentistas os debates e embates políticos e sociais do Brasil daquela época. Portanto, ao nos depararmos com o problema de falta d'água nos anos finais do Império, temos a possibilidade de revisar a política de obras públicas de abastecimento e suas dificuldades, exercício muito interessante que nos proporciona mais entendimento da política desse período.

Segundo Nelson Werneck Sodré<sup>6</sup>, “Um dos grandes acontecimentos da imprensa brasileira”, a *Revista Ilustrada* era publicada aos sábados, iniciando seus trabalhos em janeiro de 1876. Era produzida, inicialmente, pela oficina de litografia Paulo e Robin, e posteriormente mudou-se para a oficina litográfica Livraria Garnier, rua do Ouvidor 65. Geralmente contava com quatro folhas ilustradas e mais quatro folhas com textos dos redatores. O hebdomadário desenvolvido pelo italiano Angelo Agostini gozou de grande popularidade, atingiu a marca de 4000 exemplares, número recorde para publicações ilustradas de sua época<sup>7</sup>, sendo “regularmente distribuída em todas as províncias e nas principais cidades do interior, com assinatura por toda parte”<sup>8</sup>.

Os preços das assinaturas na corte eram de 16\$000 anual, 9\$000 semestral, e 5\$000 trimestral. Nas províncias, o preço era um pouco maior, sobe para 20\$000 anual, 11\$000 semestral; o número avulso inicialmente é comercializado pro 500 réis mas em 1889 notamos que o preço anunciado é 1\$000<sup>9</sup>. O preço do exemplar avulso se comparado com o preço dos jornais diários era caro, mas estava em conformidade com os preços praticados por outros semanais ilustrados do período.<sup>10</sup>

Embora fosse um jornal de humor era também uma publicação política, preocupada com a “verdade”: “*O meu programa é do mais simples e pode ser resumido nestas poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso me caia algum dente*” (Revista Ilustrada, 1876, nº 1, p. 2). Falar a *verdade* na *Revista* transpunha o interesse de expor certas pautas, pautas polêmicas e muitas vezes impopulares no seio das elites brasileiras. Pela configuração humorística do jornal

---

<sup>6</sup>Ao basear grande parte desse parágrafo com as informações da obra de Nelson Werneck este trabalho pode ter incorrido em falta por prestigiar seus dados poucos confiáveis, nada obstante, e com suas imprecisões, *História da imprensa no Brasil* continua a ser uma obra de referência para os estudos da imprensa brasileira

<sup>7</sup>*Revista Ilustrada* Ed. 573 p.2

<sup>8</sup>SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. São Paulo: DIFEL, 1982 p.217

<sup>9</sup>Não avaliei quando as mudanças de preço ocorreram, porém compartilhei as discrepâncias de preço entre o primeiro número da Revista e os que me interessam em 1889

<sup>10</sup>DA COSTA, Carlos Roberto. A Revista no Brasil, século XIX. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. 2007 p.220

essa “verdade” também se torna ambígua e de difícil captura, de fato, a verdade desprende-se de interpretação, se tornando assim algo subjetivo.

Em 1889, quando Angelo Agostini estava refugiado na Europa, a publicação é posta aos cuidados de alguns de seus colaboradores: o caricaturista Antonio Bernardes Pereira Neto assume a responsabilidade do conteúdo ilustrado da folha, Luiz Andrade (que assinava sob o pseudônimo Júlio Verim) encara o posto de chefe da redação e diretor geral, enquanto Fritz Harling, continua a desempenhar a função de gerente geral da revista.<sup>11</sup>

não houve, no passado da imprensa brasileira, publicação de mais nítida posição nem de mais alta expressão documental numa época de nossa história, ao ponto de se constituir inegavelmente das fontes mais seguras e ponderáveis para o seu conhecimento e análise<sup>12</sup>

Ainda que a *Revista Ilustrada* disponha de grande representação no período, a inquestionável segurança documental de suas folhas na concepção de Herman Lima deve ser questionada. Na verdade, os sentidos das publicações da *Revista* são por muitas vezes escorregadios ou dúbios. Ademais, tanto os textos quanto as ilustrações publicadas no semanário atendiam a uma agenda política e comercial própria ao jornal. Por isso, cabe ao historiador compreender as limitações da “verdade” proposta por essa fonte. Antes de ser compreendida como um dado, deve ser tomada como questão.

Cada edição guarda o eco das discussões políticas da semana, isto é, algo que pode ser definido como intertextualidade com outros periódicos da corte, expandindo o debate dos acontecimentos correntes. Essa característica, extremamente favorável para o entendimento do momento histórico estudado, também impõe ao pesquisador do nosso tempo a tarefa de alargar suas leituras sobre o cotidiano do séc. XIX. Somente assim podemos compreender o conteúdo da *Revista*.

A Revista é a folha mais regularmente distribuída por todos os Estados e cidades da República Brasileira. Não há vila ou lugar remoto aonde não tenhamos alguns assinantes. **O seu programa de ontem era entreter os seus leitores e trabalhar pela conquista de todas as liberdades; o de hoje, é fornecer leitura amena e trabalhar pela consolidação e pela grandeza dos Estados Unidos do Brasil,** popularizando os fatos mais dignos de menção do governo e do povo, dando retratos e biografias dos homens mais notáveis da nova era.” [grifos do autor]

*Revista Ilustrada*, n.º 573, 31/dez/1889, p. 2

---

<sup>11</sup>SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima (UFPR). “A Literatura na Revista Ilustrada após 13 de maio de 1888: considerações”. XVI Congresso Internacional de fluxo e correntes: trânsitos e traduções literárias. Anais Eletrônicos ISSN 2317-157X.

<sup>12</sup>LIMA, Herman, *Historia da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro :J. Olympio, 1963. p.120, vol 1

Pelo relato acima exposto, podemos constatar que mesmo nas ausências de seu fundador, Angelo Agostini, o jornal manteve sua “saúde” com sua robusta rede de assinantes. Porém, o mais interessante no trecho versa sobre os objetivos da *Revista* o trecho “*trabalhar pela conquista de todas as liberdades*” alude tanto para a luta abolicionista como pode compreender a libertação do regime monarquista, tendo em vista que esse editorial foi veiculado logo após a proclamação da República. Essa memória de autoproduzida foi transformada em verdade histórica por parte da historiografia, que argumenta que “[...]a *Revista ilustrada* parece ter entrelaçado a campanha abolicionista à campanha republicana ...”<sup>13</sup>

### **A busca pela água: cidade e governos**

Para Mauricio de Abreu, expoente em pesquisas sobre geografia histórica, o acesso à água é preocupação constante desde a fundação do Rio de Janeiro. Foi essa preocupação, no modo de ver do pesquisador, que influenciou a transferência da cidade do sítio inicial para o Morro do Castelo, feito de Mém de Sá ainda no período colonial. O acesso à água dos rios próximos às habitações e população foi necessária a todo tempo. Durante os séculos XVII e XVIII observamos as obras de construção do encanamento do Rio Carioca, que foi a principal fonte de água doce desse período. Abreu, por conseguinte, defende que é do relacionamento dos primeiros habitantes com o Rio Carioca a origem do gentílico do município, isto é, aqueles que bebem das águas do Carioca<sup>14</sup>.

No início do século XIX, com o desembarque da corte portuguesa no Brasil, e o consequente aumento populacional, o abastecimento de água tornou-se mais crítico. Observamos a preocupação do governo em prover de água a população nos momentos de seca dos rios e falta de chuva. As políticas do governo imperial esbarraram nos recursos do tesouro em arcar com os dispendiosos custos das reformas e construções de encanamentos e chafarizes. Em anos de crise aguda, o imperador chegou a ordenar a abertura das propriedades com acesso a rios e córregos para o uso geral<sup>15</sup>.

As estruturas governamentais preocupadas com provisão de água da cidade foram organizadas desde o primeiro reinado: Primeiramente, pela portaria de nº143 13/07/1825 a Secretaria de Negócios do Império criou a Inspeção das Obras de Intendência Geral de Polícia responsável pelas obras públicas, iluminação pública e distribuição de água da cidade, sendo mais

---

<sup>13</sup>SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. Do Brasil ilustrado(1855-1856) à revista ilustrada (1876-1898): Trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense. Paco Editoria. 2011

<sup>14</sup>ABREU, M. de A. A. A cidade, a montanha e a floresta. In ABREU, Mauricio de Almeida. (Org.) Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. cap 4, p.54-60

<sup>15</sup>SANTA RITA, José de, A água do Rio: do carioca ao Guandu: a história do abastecimento de água do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Synergia: Light: Centro Cultural da SEARJ, 2009. Cap.2, p.77

conhecida como “Inspeção de Obras Públicas”. Anos mais tarde, em 1845, foi criada a Inspetoria de Águas. Com atribuições e funções mais específicas, coordenava principalmente os chafarizes da cidade. Finalmente, em 1861, com o decreto nº2.747 16/02/1861, o serviço de abastecimento de água até então subordinado ao Ministério do Império mudou de pasta para integrar as responsabilidades do novo ministério da Agricultura, Comércio, Indústria e Obras Públicas.

O crescimento populacional com a chegada da família real portuguesa e o consequente aumento de consumo nos faz conjecturar acerca de uma provável negligência do poder público para com a matéria. Durante os verões quentes do século XIX no Rio de Janeiro, parte da inquietação pública para com a questão de distribuição e abastecimento de água na cidade ganhou bastante destaque. A forma de abastecimento de água experimentada até então era muito dependente dos carregadores de água, no mais das vezes escravos, e de encanamentos velhos e/ou chafarizes pouco eficientes, que geravam muito desperdício<sup>16</sup>.

Destarte, o problema com a água abre um conjunto amplo de temas para reflexão. Desde a forma como esse recurso era utilizado, como a distribuição do líquido precioso se apresentam como possibilidades frutíferas para estudos futuros. De certo modo, o fim da escravatura, estabelecido nos meses anteriores aos eventos da “água em seis dias”, provavelmente atingiu o funcionamento da rede de distribuição de água, onde um possível enxugamento do serviço antes prestado por escravos carregadores de água alça grandes problemas para o todo. Nesse sentido, muitas são as hipóteses para o estudo desse tema; o sistema de abastecimento de água no Rio de Janeiro imperial ainda carece de ser pesquisado em outras instâncias. Uma reflexão mais aprofundada sobre o papel dos escravos carregadores nessas crises hídricas, nesse caso, sua ausência, é em muito interessante, mas não caberá este artigo tal investida, espero, contudo, desenvolver pesquisas nesse sentido no futuro.

Em março de 1889, no final do verão daquele ano, o clima relatado nas fontes da imprensa era de forte estiagem e calor excessivo. O sistema de abastecimento de água não dava conta de fornecer o precioso líquido adequadamente a população da cidade. Face à seca e mediante ao serviço ordinário e ineficaz dos encanamentos, jornalistas e agitadores políticos proeminentes, como Rui Barbosa e Lopes Trovão<sup>17</sup>, se articulavam para constranger o governo imperial a providenciar uma solução do problema.

---

<sup>16</sup>ELIAS, Rodrigo., SCAREONE, Marcello. Quando o Império morreu de sede. Revista de História, fev/2015. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/quando-o-imperio-morreu-de-sede>

<sup>17</sup>José Lopes da Silva Trovão. Não há dúvida sobre ter sido republicano. Em 1870, ele é um dos signatários do Manifesto Republicano. No início da década de 1880 quando na Revolta do Vintém, com o texto de Sandra Graham já podemos acompanhar mais de suas incursões nos movimentos abolicionista e republicano. Const. 1891; dep. fed. DF 1891-1895; sen. DF 1895-1902. CPDOC <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TROV%C3%83O,%20Lopes.pdf>

Em 1889, a Inspetoria de Águas era chefiada pelo engenheiro Francisco Bicalho, com a responsabilidade dos serviços de monitoração e gerência do abastecimento de água da capital. Dada a situação calamitosa da cidade, tanto a repartição como seu chefe são postos sob diversas suspeições, estes também viram alvo de várias críticas na imprensa, sua incompetência é motivo para piada, vergonha e causa diversos embaraços ao governo. Em certa medida, a morosidade desempenhada pela gestão de Bicalho simbolizava o arcaísmo das estruturas imperiais, que contrastava com as tomadas de decisão e execuções rápidas em que Frontin é o protagonista. Aliás, é ainda curioso que após o êxito da Comissão Frontin, o governo tenha continuado a lhe favorecer, mesmo que todas as glórias exaltem Paulo de Frontin, nada impede que Bicalho seja o escolhido para receber homenagens em uma condecoração do governo<sup>18</sup>

O Sr. Dr. Francisco Bicalho, que ha mais de oito annos dirige o abastecimento d'água da corte, e que por isso devia conhecer os regratos mais insignificantes dos seus arredores, disse ha bem pouco tempo que a canalisação das águas do rio S. Pedro não se podia fazer em menos de seis mezes, no entanto, particulares apresentando propostas para o fazerem em quarenta dias[... ] Das duas uma: ou o Sr. Dr. Bicalho nunca teve plano ou se o teve não tinha coragem de executa-lo : ou o Dr. Bicalho sabia que aquellas aguas podiam ser canalisadas em quarenta dias e mentia a si próprio e ao governo que confiava e confia em seus talentos e lealdade.

*Revista Illustrada*, Ed 541 23/03/1889.

As duas semanas anteriores aos trabalhos de reforma da rede de abastecimento foram marcadas por grande agitação popular, muitos estavam apreensivos e insatisfeitos com a situação de falta d'água. Tal insatisfação não passou despercebida pela imprensa, que logo tratou de comentar, e alguns, de criticar o governo imperial. A crítica a gerência do governo se expandiu gradualmente ao regime monárquico pela denúncia constante das estruturas “arcaicas” e “atrasadas” deste, que impediam a resolução rápida e *moderna* do problema.

Nas páginas do *Diário de Notícias* e do *Cidade do Rio*, conduzidas respectivamente por Rui Barbosa e José do Patrocínio, podemos observar o debate que pôs em pauta a discussão sobre o tema. Discutem-se as causas da escassez e as possíveis soluções para o problema, bem como, a possível responsabilidade do governo na matéria. Ao compararmos as publicações desses jornais podemos verificar as divergências de opinião de seus redatores-chefes sobre o assunto. Enquanto Patrocínio tendia a anistiar o governo pelas falhas no abastecimento de água, Rui Barbosa se mostrava taxativo ao conclamar a ineficiência do governo face o problema de falta d'água da cidade.

Animada de hostilidades excessivas para com o ministerio, uma parte de nossos collegas viu apenas arma de opposição nesse triste estado de cousas que hoje em dia flagella apopulação fluminense.

<sup>18</sup>Condecorado pela Ordem da Rosa segundo a publicação da Revista Illustrada ed. 542 p.6 “pequenos echos”

Intuitivamente e sem necessitar de grandes estudos, é claro que a intensidade actual das cousas provém apenas de causas metereologicas, e que para isso em nada concorreram os membros do gabinete. E também, é fácil de comprehender que ao governo não pertence a responsabilidade a falta de meios preventivos ou attenuantes do mal. Tudo isso é o legado dos governos transactos que cuidaram nunca de precaver seriamente a nossa população contra o flagello período que a victima.[grifos meus]

*Cidade do Rio*, “Cousas do dia” 09/03/1889

. Devemos ressaltar que a imagem de Patrocínio como simpatizante da monarquia em 1889 era algo de interpretações dúbias. Essa crença decorre, em parte, dos relatos de sua comemoração exaltada no momento da Abolição aos pés da monarca. Ainda assim, o elogio à princesa não significava necessariamente apoio à monarquia. Seus contemporâneos, e muito de seus pares republicanos, se perguntavam em que pé estava alinhado o redator-chefe da *Cidade do Rio*. Para alguns de seus biógrafos e memorialistas, Patrocínio, talvez, não tivesse muito mais o que pleitear depois de conquistada a Abolição, a causa maior em sua vida. De fato, após a Abolição, Patrocínio engendra algumas desavenças no meio do partido republicano. Não concordava com o fato de fazendeiros escravocratas se enfileirarem no partido numa para poder barganhar com a monarquia sob a divisa “indenização ou república”<sup>19</sup>.

Acredito que é com a publicação intitulada “Terror”, publicada no *Diário de Notícias* do dia 10 de março de 1889, que podemos entender a duração do episódio da “Água em seis dias” ao longo do mês de março. A provocação do jornal de Rui Barbosa, “bastam seis dias”, dá largada ao desafio de empreender as obras que iriam socorrer a população.

A origem predominante do mal todos a percebem:a secco. O remédio, todos o proclamam: agua, agua e água. Não a que baixa do céu, e sobre a qual não tem poder o plissimo ministro do império, por mais que multiplique as preces ad petendam pluviam; a não ser que s. ex esteja contando com a misericórdia de Santo Equinocio, taumaturgo, habitualmente chuvoso. **Mas a que está em mananciaes, cuja corrente o governo ainda não pos ao alcance d’esta população, simplesmente porque não quis, e não quer[.]** Pois bem. Acabamos de chegar à mais plena certeza, ouvindo a engenheiros de competência especial e provadissima, e podemos afiançar o, sem o menor escrúpulo, aos nossos leitores: **para trazer essas águas ao Rio de Janeiro, mediante comunicação provisória, por uma calha de madeira, com as cachoeiras do Tinguá, até que se conclua a canalização definitiva, bastam seis dias. Seis dias, não mais!**[grifos meus]

“Terror” *Diário de Notícias*, 10/03/1889 Ed.1365, p1

Nesse sentido, ao constituir o marco inicial na minha análise, é importante dizer o quão interessante é o espaço dos debates da imprensa para a compreensão dos sentidos da questão em torno da falta d’água no Império em 1889.

<sup>19</sup>SILVA, Ana Carolina Feracin da. De "papa-pecúlios" a Tigre da Abolição: a trajetória de José do Patrocínio nas últimas décadas do século XIX / Ana Carolina Feracin da Silva. - Campinas, SP: [s. n.], 2006

## “O milagre da água em seis dias”

A expressão se refere às obras de reforma realizadas para dar solução ao problema crônico de escassez no sistema de abastecimento d’água da cidade do Rio de Janeiro no mês de março de 1889. A capital do Império estava então imersa em um longo e quente verão que, nada obstante, se arrastava vigoroso e seco após as festividades de carnaval, assolando a cidade num cotidiano de sujeira, mortes, sede e epidemias.

A reforma foi liderada pelo engenheiro de 29 anos André Gustavo Paulo de Frontin, numa rápida empreitada de seis dias. Descendente de franceses radicados no Brasil<sup>20</sup>, Frontin ingressou na Escola Politécnica aos 14 anos, em 1879, e concluiu o curso de engenharia civil e geográfica no ano seguinte. Acumulou os diplomas de engenheiro de minas e de bacharel em ciências físicas e matemáticas e, em 1882, a titulação de doutor em engenharia civil e de minas. Ainda em 1880 passou a integrar o quadro de professores da Escola Politécnica e do Colégio Pedro II como professor substituto do curso de engenharia civil.

Apesar da execução das obras se desenvolver em seis dias, ao meu ver, o episódio também compreende os momentos de tensão de semanas anteriores. Se o acesso a água no século XIX foi um problema constante, em março de 1889 observamos como esse problema cresceu de modo a impulsionar uma crise institucional construída nos debates da imprensa.

Com a expressão “O milagre da água em seis dias”<sup>21</sup>, podemos notar a euforia que se sucedeu ao sucesso das obras do jovem engenheiro. Neste momento de comemorações à ciência, ao progresso e à modernidade vinculadas ao êxito da empreitada, podemos observar a associação dessas ideias ao terreno sempre conflituoso da política, especialmente relacionado ao do termo república<sup>22</sup>. Com efeito, de maneira ambígua, por vezes indireta, os chistes da *Revista Illustrada* rechaçavam certas instituições monárquicas, como a sua equipe ministerial, constantemente taxada de inapta.

O relato da solução encomendada a Paulo de Frontin e as homenagens dispensadas ao seu êxito que aparecem nas páginas do semanário refletem o indicado por Marinalva Barbosa: “*no cenário de uma cidade que vive uma nova cultura política, a imprensa passa a ampliar essas discussões, construindo ideias dominantes num jornalismo de viés extremamente opinativo*”<sup>23</sup>. É

---

<sup>20</sup>Não encontrei em fonte formal, mas, aparentemente, é provável nosso Frontin seja filho do francês Jean Gustave Frontin (João Gustavo), também engenheiro. [https://outrora.info/index.php?title=O\\_Sesquicenten%C3%A1rio\\_da\\_Miss%C3%A3o\\_Art%C3%ADstica\\_Francesa\\_-\\_1816-1966/XII&mobileaction=toggle\\_view\\_desktop](https://outrora.info/index.php?title=O_Sesquicenten%C3%A1rio_da_Miss%C3%A3o_Art%C3%ADstica_Francesa_-_1816-1966/XII&mobileaction=toggle_view_desktop)

<sup>21</sup> *Diário de Notícias* 24/03/1889, ed. 1379

<sup>22</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana. Tempo* [online]. 2009, vol.13, n.26, pp. 15-31.

<sup>23</sup> BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa : Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.16

através desse viés opinativo que nos deparamos com a discussão pública acerca do problema de falta d'água nos anos finais do Império. De forma heterogênea e, por vezes dissonante, os argumentos e explicações expostos e propostos nas páginas dos periódicos oitocentistas imprimem as disputas ideológicas e políticas dessa época, notadamente o antagonismo entre republicanos e monarquistas<sup>24</sup>.

Além do caráter opinativo na imprensa, ela também dispõe dos recursos materiais necessários para inserir seus leitores nos debates e discussões de seu tempo. Nesse sentido, reflexão de Walnice Nogueira Galvão “*Sendo, como foi, de enorme importância informativa, o jornal desse tempo suscita no leitor de hoje a opinião de que tudo, mas tudo, se passa nas páginas dele. E não só se passa como se cria, sejam incidentes, intrigas ou até mesmo conspirações.*”<sup>25</sup>, corrobora para a compreensão de uma das questões que atravessam esse trabalho: afinal, como se deu a participação da imprensa enquanto sujeito orientador dos agitados episódios de março de 1889?

Na publicação do dia 16/03/1889, edição de número 1371 do *Diário de Notícias*, o engenheiro Paulo de Frontin, também professor da Escola Politécnica Nacional, coloca seus serviços de engenheiro a disposição do governo imperial para, no tempo recorde indicado por Rui Barbosa, levar águas a corte. Com base nessa proposta, Frontin firma contrato com o ministério da Agricultura com a promessa de trazer 15 milhões de litros d'água suplementares ao abastecimento da Corte.

Ainda nessa publicação, notamos que o engenheiro expõe os bastidores do Clube de Engenharia<sup>26</sup> onde se discutia a viabilidade de outros planos de ampliação do sistema de provisionamento de água da cidade, como aqueles de Francisco Bicalho, chefe da Inspetoria Águas, e o proposto pela firma Buarque&Maia. Para Frontin, o plano até então escolhido pelo governo era impraticável em virtude de enormes falhas técnicas (projeção incorreta do volume de água, imperfeição do cálculo de tempo estimado para sua execução, e ainda a pendência da aquisição dos terrenos necessários a empreitada). Advogando a favor de seus talentos, Frontin expõe o fato do governo imperial disponibilizar “recursos extraordinários” para financiar o plano de Francisco Bicalho<sup>27</sup>, que ele julgava ser um plano fadado ao fracasso. Para, em seguida, apresentar sua proposta, mais rápida e menos dispendiosa, que conseguiria dar conta de remediar as *tristes*

---

<sup>24</sup> ALMEIDA, G. M., A domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Brasil. 2010.

<sup>25</sup> GALVAO, W. N.. Literatura e cultura: 1864-1968. In: Jorge Schwarcz; Saul Sosnovski. (Org.). Brasil: O trânsito da memória. 1ed.São Paulo: Edusp, 1994, v. , p. 18

<sup>26</sup> Espaço de socialização dos profissionais de engenharia, o clube de engenharia é uma associação civil fundada em 24 de dezembro de 1880, com sede na cidade do Rio de Janeiro. Foi autorizada a funcionar pelo Decreto nº 8.253, do governo imperial, de 10 de setembro de 1881. CPDOC : <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CLUBE%20DE%20ENGENHARIA%20red.pdf>

<sup>27</sup> Dr. Francisco Bicalho estava a frente da inspetoria de águas no ano de 1889

*condições* em que se encontrava a população do Rio de Janeiro. A publicação da carte de Frontin é acompanhada do comentário da redação do jornal:

**Na consideração publica é que nunca mais se levantará ; porque especulou com os soffrimentos populares a bem de interesses reservados...** Quando o Diario de Noticias, sem segunda intenção, de puro sentimento de humanidade, affirmou a possibilidade de canalização provisoria em seis dias, o gabinete, em vez de mandar proceder a investigações sinceras, encenou o entremez que presenciámos, com a deliberação assente a priori de humilhar e enfiar a imprensa, cujas informações devia ter colhido como um serviço, e não como um ataque. Os nossos seis dias cahiram porque o governo não quiz buscar quem beneficiasse ao publico, mas quem nos desmentisse a nós[...] **Pois bem, não vingou a conspiração da malevolencia official e officiosa. Elles rejubilavam-se diante da peste, comtanto que nós pudessemos passar por levianos. Perderam a vasa ; ahí está a agua em seis dias. Applausos à sciencia generosa, independente e honesta, que não foge ás responsabilidades, e não se corrompe no officialismo zaunga. Agora rimo-nos nós, mas rimo-nos em confraternização com o contentamento publico. Agua em seis dias! Rira bien qui rira le dernier.**[grifos meus]

*Diário de Noticias*, 16/03/1889

Nesse sentido, o trecho extraído da publicação da carta de Frontin no *Diário de Noticias* revela aspectos interessantíssimos acerca das vicissitudes que entrelaçam o poder público e o acesso à água no séc. XIX. Gilmar Machado Almeida argumenta que as críticas do *Diário* pretendiam delatar o Ministério da Agricultura suspeito de barganhar os preços dos mananciais próximos da corte (logo passíveis de complementar a rede de abastecimento), evidente no trecho “*Na consideração publica é que nunca mais se levantará ; porque especulou com os soffrimentos populares a bem de interesses reservados*”. A questão também aparece nos relatórios do ministério da Agricultura dos anos de 1888 e 1889<sup>28</sup>, em que observamos os encaminhamentos de um vagaroso processo de desapropriação de terrenos e das indenizações devidas aos seus proprietários, para que se execute as obras do *Novo Abastecimento de Água*<sup>29</sup>.

No corpo do texto, o governo é apresentado como degenerado e corrupto, sem compromisso com suas responsabilidades em abastecer a cidade. Enquanto a ciência é caracterizada por um léxico positivo “generosa”, “independente” e “honesto” nas atitudes do governo imperam ações negativas como a “conspiração”, “malevolência” e a preocupação com “interesses reservados”. No trecho iniciado em “ *Pois bem, não vingou a conspiração da malevolencia official e officiosa... Agua em seis dias! Rira bien qui rira le dernier.*” com o rir por último anunciado em francês e a oposição entre “contentamento publico” e “interesses reservados” do início pousam ideias republicanas, no pior

<sup>28</sup>Relatório do Ministério da Agricultura de 1888. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1974/000002.html> acesso em 13/06/2017

<sup>29</sup>Novo Abastecimento de água corresponde ao projeto de ampliação da rede de abastecimento do Rio de Janeiro iniciado em 1876, com as obras do engenheiro inglês Gabrielli.

sentido etimológico possível( lat.*res*(coisa)+*publicus*), se fizermos um paralelo com “contentamento público” .

De certo, é significativo o fato de um evento corriqueiro ao histórico de obras públicas de caráter provisório receber tamanha atenção da imprensa. A amplitude alcançada pelo episódio revela parte de sua importância política, ao mesmo tempo em que instaura alguns sentidos enigmáticos. Devemos ter em mente que a conquista e domesticação da água é uma experiência histórica de longa data, um flagelo antigo e cotidiano enfrentado pela população da corte ao longo do século XIX. Muitos foram os engenheiros, planos e até ministros engajados no melhoramento das condições de abastecimento da cidade do Rio Janeiro antes da contribuição da Comissão Frontin em 1889. Por isso, é interessante notar como os feitos de um jovem engenheiro foram tão consagrados na imprensa. A historiografia recente, em especial a dissertação de Gilmar Machado de Almeida, argumenta que a glorificação desse personagem (e do episódio) atende à manipulação do imaginário social em um momento de reorientação de identidades coletivas à medida que os ânimos republicanos se intensificam<sup>30</sup>.

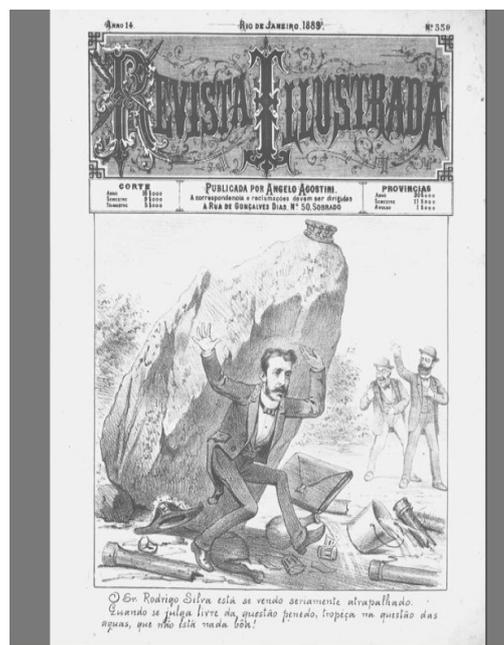
A partir da leitura da *Revista Illustrada*, jornal satírico que circulava semanalmente na corte, pretendemos desvendar os sentidos propostos pelo periódico para a questão. Para isso, vamos recorrer à análise da sequência narrativa presente das edições 539 a 542 de 1889.

Não é apenas pelo conteúdo textual que as críticas da *Revista illustrada* se exteriorizam, é sobretudo com as crônicas visuais frequentemente publicadas que o jornal interpela seus leitores a refletirem sobre os momentos políticos de sua atualidade. O tratamento de humor que veiculava nas publicações também tornam seus sentidos e interpretações mais escorregadios para a percepção do leitor contemporâneo. Devo confessar que ocupei boa parte de meu tempo sondando as possibilidades interpretativas das imagens das publicações.

***O Sr. Rodrigo Silva está se vendo seriamente atrapalhado***

---

<sup>30</sup> Idem, p. 185



A imagem acima foi publicada na capa do número 539 em 09/03/1889, a crônica visual faz troça com o então ministro da agricultura, a legenda “ *O Sr. Rodrigo Silva está se vendo seriamente atrapalhado. Quando se julga livre da questão penedo, tropeça na questão das águas, que não está nada boa!*”. Introduz assim o tema do falatório do mês, a falta d’água. Rodrigo Silva era filho do Barão do Tietê, José Manuel da Silva e sobrinho do capitalista Benedito Antonio da Silva, figurando em uma das famílias economicamente mais proeminentes de seu tempo. Foi um dos líderes do partido conservador nos últimos anos do império, chegando a exercer o cargo de ministro da agricultura e das relações exteriores concomitantemente, sendo por isso apelidado por Rui Barbosa de “Varão das duas pastas”<sup>31</sup>. A frente da questão da água, por estar no comando do ministério responsável pelo abastecimento, sob este personagem incorreram inúmeras críticas da imprensa, como veremos mais adiante.

Na imagem, Rodrigo Silva está para ser esmagado por um grande penedo( rocha) e também prestes a tropeçar nos diversos canos, baldes e cuias soltos na rua. À direita vemos uma pasta. Nesse cenário, acredito que a *Revista* reproduz em sua primeira página as críticas que pesavam sobre o “Varão das duas Pastas”. A grande rocha com um chapéu estranho é referência a um imbróglgio do Ministério de Relações Exteriores que Rodrigo Silva esteve à frente. “Penedo” guarda o sentido gozador próprio da *Revista*, já que temos no alagoano Francisco Inácio de Carvalho Moreira, o Barão de Penedo, um dos mais proeminentes diplomatas do Segundo Reinado, em boa parte como o ministro brasileiro em Londres. A legação de Londres é o ministério mais importante para chancelaria brasileira do séc. XIX, a recusa do Barão em trocar de posto no estrangeiro como era

<sup>31</sup>Rui Barbosa - O Varão das Duas Pastas, *Diario de Noticias*, RJ, 5 de Maio de 1889,



abastecimento de água da cidade. O chiste se encerra com crítica direta à monarquia e às estruturas governamentais que ela organiza, “*Mas o que faz o governo? Perguntam todos. – Ninguém sabe! Dizem as folhas que partio para Petrópolis. Bonito...*”. O uso do humor tal qual observamos na *Revista Ilustrada* se aproveita da crise de abastecimento de água para interpelar seus leitores com críticas severas ao governo, o que possivelmente naquele momento também consistia em criticar a monarquia. Como veremos mais adiante, a *Revista* glorificou o progresso modernizante das obras de Paulo de Frontin. E neste momento de incertezas políticas, o léxico dos termos progresso e modernização se confundem com a ideia de República

A Proclamação da República é um episódio da modernização à brasileira. Nas décadas finais do Império, o vocábulo *república* expandiu seu campo semântico incorporando as idéias de liberdade, progresso, ciência, democracia, termos que apontavam, todos, para um futuro desejado. Para essa renovação da linguagem foi de especial valia a ação da propaganda – em lato senso – que estabeleceu uma relação dicotômica entre república e monarquia, montando com os dois termos um par antônimo assimétrico, recurso de grande força persuasiva[...]<sup>34</sup>.

A tira como um todo propõe muitas reflexões. Nos limitaremos, nesse trabalho, em dar atenção aos três últimos quadros da imagem. No primeiro, Rodrigo Silva, vestido numa roupa de gala, tem aos braços uma pasta gorda, importante, talvez, problemática, a legenda corrobora com isso “*todos clamam por providencias... Fossemos nós ministro*”. Caminhamos para o penúltimo quadro, visualizamos o povo se abastecer junto as águas de cachoeiras e grandes canos numa proposição imagética de que as obras foram finalmente concluídas, cenário muito diferente da realidade, uma referência aos planos de canalização das águas das cachoeiras do Tinguá e S. Pedro ainda em estágio de discussões. É curioso notar como a *Revista* conclama para si a vontade do povo/leitor e constrói o argumento de que essa vontade política pode ser mais efetiva do que o governo. Por último, a constatação do repórter de que as notícias não são em nada boas quando o assunto é água e governo.

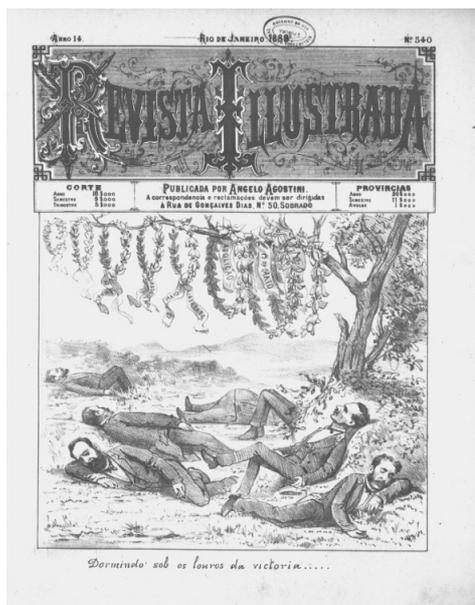
Ao final de uma semana com acaloradas discussões entre Rui Barbosa e José do Patrocínio em seus periódicos sobre a questão da água a *Revista Ilustrada*, no sábado, também se lançou mais incisivamente ao debate com sua publicação semanal de 16/03/1889. Nas publicações diárias dos jornais em que Patrocínio e Rui Barbosa estavam a frente observamos o firmar de posicionamentos quase opostos, bem divergentes. Um via nos episódios de escassez daquele tempo o resultado da má gestão de vários governos anteriores, o outro argumentava a grande ineficiência do governo atual, e de sua equipe na repartição de águas do Ministério da Agricultura.

---

<sup>34</sup>MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana. Tempo [online]*. 2009, vol.13, n.26, pp. 15-31.

A cidade também foi palco de manifestações. Segundo diversos jornais contemporâneos, 2.000 pessoas compareceram às ruas para protestar por água e higiene no dia 12/03/1889. Podemos saborear os comentários da *Revista Illustrada* na edição 540 do dia 16/03/1889. Nessa edição os destaques são o editorial “AGUA” assinado por Julio Verim e as crônicas visuais das páginas 1, 4 e 5.

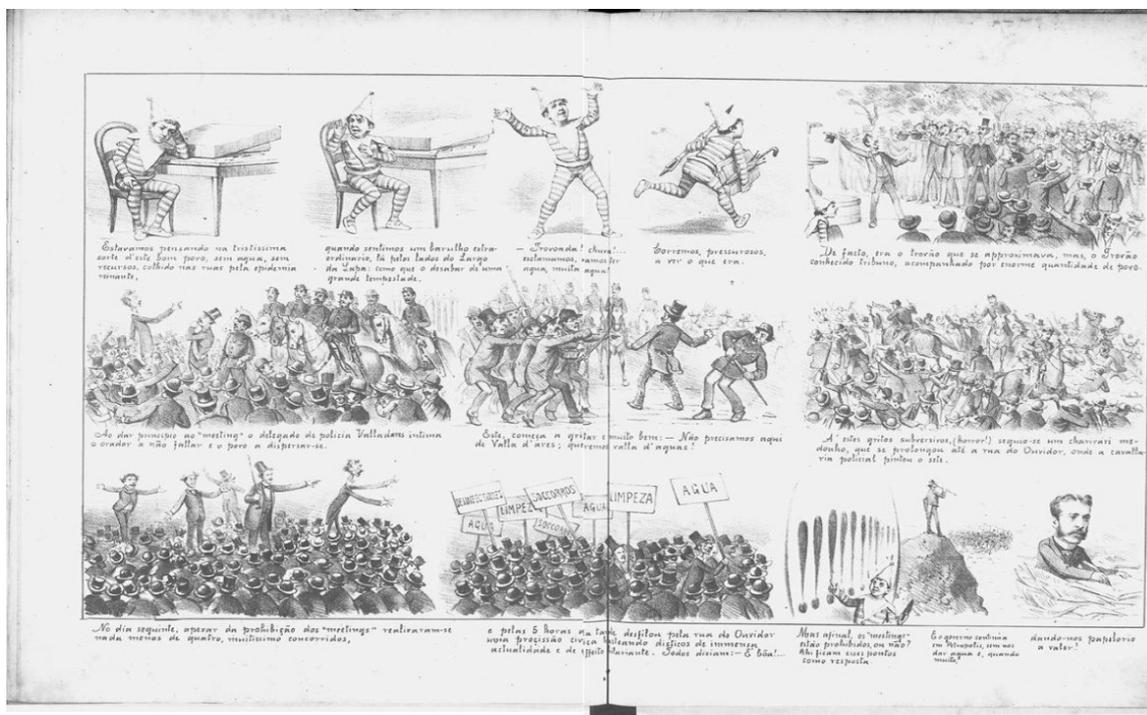
### *Dormindo sob os louros da vitória*



Na capa da edição 540, vemos burocratas descansando sob os “louros da vitória”( representados com ramos com inscrições '13 de maio' e 'liberdade'), facilmente se reconhece Rodrigo Silva, ministro da agricultura, por ter sido amplamente retratado n'outros chistes da *Revista*. Os outros senhores gorduchos e barbados ao lado de Rodrigo Silva, e que com ele dormem na capa representam seus pares do Partido Conservador que ocupavam o resto da equipe ministerial. A representação desses personagens dormindo tranquilos é, no modo de ver as coisas da *Revista*, uma maneira de indicar para o fato de que esses senhores estão alheios a administração pública e suas questões urgentes, como é o caso da falta d'água que devastava a cidade. O sossego abaixo de arvores também faz piada com a um possível crença na segurança quanto a continuidade das coisas ao redor desses senhores conservadores que serviam a monarquia, gozando a sombra da Abolição (o 13 de maio, na verdade, foi uma derrota para o grupo). Para eles, essa derrota lhes serviria de garantia para perpetuar a monarquia, um equívoco. A tranquilidade e a comemoração

ilusória dessas vitórias alheias, em verdade, só lhes afastava dos processos históricos que então reorganizam as estruturas políticas no Brasil

## Trovoadas



A segunda crônica visual da edição, é uma tira publicada nas páginas 4 e 5. As imagens tratam da narrativa das manifestações que tomaram a cidade durante a semana. E mais uma vez, é um menino-repórter que vai buscar notícias. Inicialmente, desolado pela tristíssima situação a que se encontrava o povo da cidade após se despertar por um estrondoso barulho vindo do Largo da Lapa, nosso repórter sai às ruas desvendar os acontecimentos. O que aparentava ser uma trovoadas, sinal das tão esperadas chuvas, é na verdade um enorme *meeting* do conhecido articulador republicano Dr. Lopes Trovão.

A descrição de eventos similares em matérias publicadas n'outros jornais apontam para o fato deste *meeting* ser a mesma manifestação de 2000 pessoas que aconteceu no dia 12/03. No *Cidade do Rio*, os protestos foram qualificados como uma “Passeata Funebre”<sup>35</sup>, “fúnebre”, ao meu ver, anunciava a confusão que vemos no quadro da Revista *Illustrada*, isto é, a situação de confronto e a violência dispensada pela polícia por ocasião do cortejo.

O engajamento de Lopes Trovão com a causa republicana é vastamente conhecido e reconhecido. Ele esteve entre os signatários o manifesto republicano em 1870, e participou

<sup>35</sup>*Cidade do Rio*, 13/03/1889 edição 58

altivamente da Revolta do Vintém em 1880. Na manifestação de março de 1889, Trovão poderia ser considerado uma celebridade. Na tira, a chegada do delegado de polícia Valladares que intima o orador, Lopes Trovão, a se calar, e os demais participantes do *meeting* a se dispersarem é muito significativo se pensarmos que essa não só foi uma medida que pensava a segurança, mas sim uma jogada política para estancar o grande palanque republicano que acontecia.

Pelo quadro, o resultado dos protestos e repressão foram completamente improfícuo, de um lado os *meetings* que estavam proibidos se multiplicam pela cidade no dia seguinte. Do outro, o governo imperial continua em seu retiro em Petrópolis, sem prover águas ao povo “*E quando muito dando-nos papellorio a valor*”.

Pois bem, senhores, a lympha torna-se um assumpto, uma preocupação, congrega a massa popular, organisa meetings e espalha uma gravíssima situação n'uma cidade inteira! **A imprensa se apodera do assumpto, descreve a população morrendo à sêde, toma-se de calor, increpa o governo, e a agua torna-se o centro de todo o movimento. Por causa d'ella não esteve muito longe uma crise ministerial e, quem sabe? Uma mudança, talvez, de situação?** Emquanto não se fallava n'isso, emquanto a agua, na sua qualidade de assumptocorrente, delisava tenue, sem incendiar as imaginações e sem liquidar a politica, o governo que bem sabia o estado das cousas, não dava passo algum para trazer esse elemento de vida e de salubridade ao Rio de Janeiro, flagellado pela epidemia[...]

Por Julio Verim<sup>36</sup>

Revista Illustrada(RJ) ed.540, 16/03/1889<sup>37</sup>

A análise empreendida por Luís de Andrade sob o pseudônimo Julio Verim evidencia a dramacidade dos eventos da semana anterior (insalubridade geral, morte pelas epidemias, eclosão de debates públicos nas ruas etc). É interessante notar como a crítica do contemporâneo pôde denunciar com dureza os distúrbios do sistema abastecimento d'água da cidade, que para ele resulta da ineficiência do governo imperial e mesmo do regime. O mais surpreendente no texto aparece em um parágrafo um tanto enigmático, com as palavras “*Por causa d'ella não esteve muito longe uma crise ministerial e, quem sabe? Uma mudança, talvez, de situação*”. Embora se pese uma forte sugestão a mudança de regime, esta não é a única possibilidade interpretativa do trecho haja vista a natureza polissêmica que pauta o humor impresso na *Revista*.

Por mais que a República só venha se instalar em novembro daquele ano, a narrativa da *Revista Illustrada* sobre o episódio da água em seis dias revela a presença de um debate público calcado nas incertezas políticas daquele tempo. De maneira que podemos colocar em xeque certos argumentos que atestam uma inesperada queda da monarquia. Em oposição a tese de Murilo de

<sup>36</sup>Julio Verim, pseudônimo de Luís de Andrade. Esclarecimentos do pseudônimo na edição 14 *Autores e Livros* de 1949., p.15

<sup>37</sup>Aconselho vividamente a leitura na íntegra dessa edição. Para manter certa objetividade e obedecer a regulamentações de tamanho escolhi não exibir de maneira completa a edição mencionada.

Carvalho, em os *Bestializados*, nos aproximamos das conclusões de Maria Teresa Chaves Melo em seus trabalhos, isto é, a população não estava alheia aos acontecimentos nos momentos de instabilidade que anunciavam algum tipo de mudança. Segundo constam as fontes, o último ano da monarquia foi severamente tumultuado, com destaque para mortes por epidemias, insalubridade e falta d'água. Creio que essa população que estava ativa politicamente para cobrar as questões ordinárias para a vida cotidiana também estava ciente politicamente das possibilidades da mudança de regime. Em março de 1889, a crise no abastecimento mobilizou a população que saiu às ruas em protesto no dia 12/03/1889, de outro lado, a imprensa denunciava, semanas a fio, a ineficiência da administração pública, seu descompasso com a modernidade e progresso<sup>38</sup>.

### ***Condições Leoninas***

Passemos para a próxima edição, número 541 da Revista, publicada no dia 23/03/1889. Nesta data estamos na véspera do prazo de entrega dos 15 milhões de litros d'água prometidos por Paulo de Frontin ao governo imperial em contrato. Refletindo os ânimos de expectativa populares essa edição da *Revista* apresenta suas esperanças em relação ao sucesso do projeto de canalização de águas de Frontin. Além disso, o aspecto linear da narrativa do desenvolvimento das obras envolve os constantes obstáculos impostos pela administração imperial. As cláusulas na contratação dos serviços de Frontin foram tidas por “condições leoninas”<sup>39</sup>. Segundo o relato assinado por Julio Mirim, tudo lhe foi negado, e o ministro da agricultura também não lhe ofereceu nenhum operário. Teve a sua disposição a estrada de ferro D. Pedro II. Observamos que os eventuais empecilhos enfrentados pela comitiva de Frontin são postos na narrativa, quase, como batalhas. Isto confere ao personagem as mais diversas homenagens ao longo da edição ( versos, figura no pantheon da revista). Ao final, os trabalhos de Frontin também combinam comemorações ao progresso e ciência, exaltações ao patriotismo, e vivas a engenharia Brasileira!

No entanto, vale salientar que nem escassez ou reformas provisórias no sistema de abastecimento eram novidade durante o longo século XIX. Nesse sentido, “a água em seis dias foi um evento em que a água foi utilizada como pano de fundo para as disputas políticas. A permanência deste evento no imaginário social da cidade se deve a vitória republicana”( Machado Almeida, p.186).

A constante perturbação do governo imperial para o encerramento dos problemas de falta d'água denunciada diversas vezes nas edições da *Revista* demonstram o enunciado por Maria Teresa

---

<sup>38</sup>MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. Tempo [online]. 2009, vol.13, n.26, pp. 15-31.

<sup>39</sup>Texto completo no anexo.

Chaves Melo em “*Modernidade Republicana*”, isto é, vemos a incompatibilidade do regime monarquista com as expectativas contemporâneas. Dessa maneira, a causa republicana pôde ampliar sua “presença” por intermédio da propaganda ao se aliar ao discurso progressista, científico e modernizante que atravessava o final do século.

Na edição seguinte, nº542 de 30/03/1889, Júlio Mirim apresenta o prólogo do material enviado pelo redator-chefe da *Revista*, nosso conhecido Julio Verim, que havia partido junto com a comissão Frontin afim de acompanhar as obras e fazer a cobertura para a *Revista*. Com efeito, podemos dizer que essa última edição no mês de março se dedicou integralmente a narrar e comentar o episódio da *água em seis dias*.

Enquanto não concluídas as obras de Frontin (como é o caso da ed. 541) podemos notar que o elogio da *Revista* esteve mais contido, talvez cauteloso, no aguardo dos resultados. Mas mediante o sucesso da empreitada, as contenções não eram mais necessárias. Efetivamente, neste nº542 observamos a glorificação do jovem engenheiro. Se antes a narrativa apontava o governo como principal antagonista, dessa vez, é a natureza que mede forças com o herói Paulo Frontin. Pelo uso de um léxico épico Verim enaltece os feitos de Frontin em proporções herculeas.

Como outr'ora no Olympo, parecia que os deuses se dividiam, uns protegendo e outros perseguindo o heroe intemerato. Na obra por elle emprehendida, ao passo que numa scentelha divina, irradiando-lhe da physionomia levava a confiança às almas, de todos os lados a natureza céga, parecia amontoar embaraços à realização da grande obra. Dir-se-hia uma lucta de deuses em que os homens eram simples instrumentos.  
Seis dias para fazer um arqueduto[...] tal obra era, em verdade, sobrehumana[...] A lucta foi aspera e cruel[...]<sup>40</sup>

O texto da crônica reforça informações já apresentadas anteriormente pela *Revista*. Os obstáculos impostos pelo governo durante o andamento das obras, e os desafios face as condições adversas de tempo, a chuva finalmente chegou, e com ela certos atrasos ao plano proposto para o prazo de seis dias.

## Conclusão

Os números da *Revista Illustrada* aqui estudados me permitiram constatar que em um dos momentos de crise hídrica na capital do império, em março 1889, observamos sugestões dispersas de viés republicano. Em alguns textos e imagens o conteúdo da *Revista* volta-se a desacreditar as condições do regime monárquico vigente.

---

<sup>40</sup> *Revista Illustrada* ed. 542 p.2

Nesse sentido, é interessante refletir nas formas como o barulho em torno de mais uma crise hídrica ganhou dimensões para apoiar a causa republicana e empurrar a substituição da monarquia. Isto aponta para o fato de termos, nos momentos finais da monarquia, uma imprensa politicamente enganjada aos debates públicos da cidade, de maneira que, temos o indício de que ao menos os consumidores dessa cultura letrada e/ ou parte da população, estava atenta para o tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Jornais:

*Gazeta de Noticias*(RJ) 1880-1889  
*Jornal do Commercio*(RJ) 1880-1889  
*Diário de Noticias* (RJ) 1880-1889  
*Cidade do Rio* (RJ) 1880-1889  
*Revista Illustrada*(RJ) 1880-1889

### Relatórios Ministeriais (1821-1960):

*Ministério da Agricultura (1888, 1889 e 1890)*

### Censos:

*Recenseamento da população do império do Brazil de de 1872*  
*1º Censo populacional da República do Brazil*

### Bibliografia:

ABREU, M. de A. A. A cidade, a montanha e a floresta. ABREU, Mauricio de Almeida. (Org.) *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. cap 4, p.54-103.

\_\_\_\_\_. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006.

ALMEIDA, G. M., A domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Brasil. 2010.

BALABAN, Marcelo . *Poeta do Lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. São Paulo. Editora UNICAP, 2009, 469p

BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*, Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

BRANDÃO, A. M. P. M. “As Alterações Climáticas na Área Metropolitana do Rio de Janeiro - uma provável influência do crescimento urbano” ABREU, M. de A. (Org.). *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Depto. Geral de Doc. e Inform. Cultural, Div. Editoração, 1992.

BRITO, J. H. da C. *O serviço de abastecimento de água no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Off. Graph. do *Jornal do Brasil*, 1929.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial..* São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 250p

DA COSTA, Carlos Roberto. *A Revista no Brasil, século XIX*. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. 2007

FRIAS, R. C *Abastecimento de água no Rio de Janeiro Joanino: uma geografia do passado*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. 2013.

GRAHAM, Richard. *Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860)*. São. Paulo: Cia das Letras. 2013

GRAHAM, Sandra L. *The Vintem Riot and Political Culture: Rio de Janeiro, 1880*. *The Hispanic American Historical Review* 60 (3), pp. 431-449, 1980.

- LIMA, Herman, *Historia da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro :J. Olympio, 1963
- LOBATO, Monteiro. *Ideias de jeca tatu*. 11. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1964
- MAGALHÃES, Correa, Terras Cariocas Fontes e Chafarizes, refeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1935.
- MARA, F. L de. Histórico sobre o abastecimento de água a capital d o império desde 1861 a 1889, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. Tempo [online]. 2009, vol.13, n.26, pp. 15-31.
- SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Do Brasil ilustrado(1855-1856) à revista ilustrada (1876-1898): Trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense. Paco Editoria. 2011
- \_\_\_\_\_ “A Literatura na Revista Ilustrada após 13 de maio de 1888: considerações”. XVI Congresso Internacional de fluxo e correntes: trânsitos e traduções literárias. Anais Eletronicos ISSN 2317-157X.
- SANT'ANNA, D. B.. Cidade das águas. Usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Senac, 2007.
- SANTA RITA, José de, A água do Rio: do carioca ao Guandu: a história do abastecimento de água do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Synergia: Light: Centro Cultural da SEARJ, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: Mentis insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 2003.
- SILVA, Ana Carolina Feracin da. De "papa-pecúlios" a Tigre da Abolição: a trajetória de José do Patrocínio nas últimas décadas do século XIX / Ana Carolina Feracin da Silva. - Campinas, SP: [s. n.], 2006
- SILVA, R. M da. “A luta pela água” SILVA, F. N. (Org.) O Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos: formação e desenvolvimento da cidade. Rio de Janeiro: Record, 1965.
- SODRÉ, N. W. (1966/1999). História da imprensa no Brasil. 4a edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad [edição original de 1966]
- THOMPSON, E.P. “A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII” in Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. SP: CIA. Das Letras, 1998.

## ANEXO 1

### “ Cláusulas leoninas” do contrato entre Ministério da Agricultura e Paulo de Frontin

1º- O contratante, Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, obriga-se a fornecer para o abastecimento de água desta capital, no prazo de seis dias, um volume de 13 a 15 milhões de litros de água.

3º- O governo imperial põe no Tesouro Nacional em depósito, á disposição do contratante Dr. Frontin, a quantia de 90 contos para a compra de mananciais e terrenos que forem necessários para completa execução do contrato.

4º- O contratante Dr. Frontin declara que as águas que trarão ao abastecimento da cidade são as da cachoeira da Serra Velha e as das cachoeiras do rio São Pedro, tendo sido as primeiras já arbitradas judicialmente e as segundas em terrenos no Estado. O prazo para a terminação das obras e entrega do volume de água acima mencionado terminará no dia 24 do mês de março de 1889.

9º-O contratante Dr. Paulo de Frontin só poderá levantar o depósito de 90 contos, destinados á compra dos mananciais e terrenos, depois de executado o contrato.

10º-O governo Imperial, para as despesas preliminares, entregará ao contratante Dr. Frontin a quantia de 30 contos.

11º-Se, no prazo fixado para a execução do presente contrato, não estiverem as obras concluídas e entregue o volume de água estabelecido, poderá ser prorrogado por mais três dias, mediante o pagamento de 10 contos de multa por dia excedente do prazo fixado.

12º-E se, findo o prazo de prorrogação concedida, não estiverem as obras concluídas, considerar-se-á rescindindo o presente contrato, perdendo o contratante do direito ao depósito de 90 contos de que trata a cláusula 11ª. Perfazem a quantia de 80 contos, preço de empreitada que constitui o presente contrato.

13º-Fica entendido que as chuvas torrenciais por dois ou mais dias dão ao governo o direito de sustar a execução das obras, sendo indenizado o contratante das despesas feitas que forem devidamente justificadas.

Eu, Heloísa Raquel Inacio Costa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *“Bastam seis dias”: A domesticação da água e a plataforma republicana na Revista Ilustrada* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

15/08/2017

X *Helosta*

---